



Masculinidades: uma análise preliminar

Lucas Vitor Baumgärtner, Ana Claudia Delfini

Educação - Tópicos Específicos de Educação

Este estudo teve como objetivo discutir conceitos referentes às masculinidades. Classificamos este estudo com uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, de natureza básica com procedimento científico da revisão bibliográfica. Os principais autores que desenvolvem pesquisas sobre os conceitos sobre masculinidades foram: Connel (1995;1998), Guedes (2021); Connel e Messerschmidt (2013), todos irão conceituar e problematizar questões relacionadas as masculinidades.

Assim sendo, iniciamos com o conceito de masculinidades (socialmente construído). Connel conta que o surgimento dos estudos sobre masculinidades iniciou através dos “[...] Movimentos de Liberação das Mulheres, de Liberação dos Gays e de Liberação dos Homens, nos anos 70” (1995, p. 186). Esses movimentos buscavam desmistificar a construção histórica do patriarcado social que atingiam diversos setores da sociedade. O intuito inicial era criar uma “nova consciência” por meio da irmandade. Em 1970, criou-se teorias sociais para estudo do “papel masculino”. Este, vislumbrava as questões de masculinidades e como isso influenciava toda a construção de sujeitos homens, buscando aniquilar e desenvolver algum tipo de androginia (CONNEL, 1995).

Sendo assim, Connel (1995, p. 188) define a masculinidade como “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Em outras palavras, é um conjunto de comportamento socialmente construídos que representam o sexo masculino. Em determinados contextos sociais são construídas variadas relações sobre masculinidade, pois, o contexto social vivido pelos sujeitos interfere nos seus comportamentos. Pesquisas sobre o trabalho masculino por meio de estudos sobre as classes operárias, mostraram um processo de “moldagem” das masculinidades no espaço laboral, em grandes instituições sociais e no próprio sistema político (CONNEL, 1995). Podemos observar alguns comportamentos sociais masculinos através de “[...] tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante” (CONNEL, 1995, p. 189).

Para pensar a masculinidade, Connel nos mostra duas visões. A primeira está na socialização direta entre homens (meios presentes somente de homens para homens) sempre possibilitou “relações de dominação, marginalização e cumplicidade”. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela” (CONNEL, 1995, p. 189). Dessa forma, os homens, sempre, conseguiram permanecer nos altos escalões da sociedade (podemos citar empregos, salários, cargos, funções e responsabilidades – quanto maior a responsabilidade maior a diferença na presença de homens e mulheres) (GUEDES, 2021). A segunda refere-se que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa



e até mesmo contraditória” (CONNEL, 1995, p. 189). Pois, não existe masculinidade sem feminilidade e vice-versa. Existe a presença da feminilidade dentro da “personalidade dos homens e da masculinidade dentro da personalidade das mulheres [...]” (CONNEL, 1995, p. 189). Precisamos reiterar que toda masculinidade é complexa, individual para cada sujeito e às vezes contraditória.

Além das individualidades respaldadas pelos sujeitos para construção de suas masculinidades, a cultura é outro fenômeno de modulação de conduta e construção de sentimentos apropriados, seja para o gênero masculino quanto feminino. Em específico dos rapazes, em algumas culturas “os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto” (CONNEL, 1995, p. 190).

Os comportamentos de determinada cultura impregnados nos rapazes, fazem, diretamente, uma pressão social, que vem da sociedade, das famílias, das escolas, dos colegas e grupos, da mídia e por fim, dos empregadores (CONNEL, 1995) forçando-os a terem certas manias. Caso não cumpram ou forjam eles sofrerão preconceito de todos os setores da vida social acima citados, como salienta Connel (1995), “esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres”. Outro déficit destas pressões sociais, é que “a maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos” (CONNEL, 1995, p. 190). Assim, impossibilitando o rapaz de ser um sujeito mais feminino, sensível e amoroso, tendo sempre os aspectos antigos do “homem”, grotesco, estúpido, bravo, raivoso, forte etc.

Connel ressalta que a narrativa acima citada não está errada, apenas incompleta. Sendo assim, descreve três percepções sobre a construção de masculinidades. A primeira utiliza da narrativa convencional (homem forte, homem grotesco, estúpido, agressivo etc.); a segunda observa o gênero como um modelo de condutas que é impregnado/ estampado nas crianças através da família, escola e demais instituições sociais (isso sugere um plano ou projeto de dominação hegemônica dos homens); e por fim, a terceira observa a construção de masculinidades por meio de um projeto coletivo e ou individual. Podemos citar como exemplos a passeatas de motocicletas, os desfiles militares dos países e as torcidas organizadas do futebol de campo (CONNEL, 1995). Percebemos então, que as masculinidades são construídas, e se são construídas, estão sendo “[...] constantemente re-construídas. As masculinidades estão constantemente mudando na história” (CONNEL, 1995, p. 191). Reiterando, os conceitos sobre masculinidades são mutáveis e seguem uma ótica de fluidez, como nos estudos sobre gênero.

Atualmente, os estudos e pesquisas na área das relações de gênero, em específico das masculinidades, demonstra uma nova tipografia para este viés, a masculinidade



hegemônica. Compreendida como “[...] um padrão de práticas ([...] coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). E quem são esses homens? Os “Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Essa cumplicidade, como dita anteriormente, possibilitou o acesso e permanência do homem nos altos escalões da sociedade. A masculinidade hegemônica existe e permanece em nossa sociedade, pois, mantemos culturas do azul é do menino, rosa da menina, carrinho é de menino, boneca é de menina, dentre outras manias influenciadas pelas religiões, pela família dita cuja “tradicional”, mídias, empresas de brinquedos, empresas de roupas e outras instituições fomentadoras.

Outro ponto importante que vale destacar é a imagem que esse homem professor sofre desde a sua entrada no campo profissional, na educação básica ou até mesmo impressa no momento do nascimento. O homem, já durante a entrada na escola precisa ser o indisciplinado, o grosseiro, o “machão”, pois, se tiver comportamentos disciplinados, gentil e sensível poderá ser “desprezado pelos colegas, chamado de ‘bicha’ ou de ‘mulherzinha’” (CARVALHO, 2003, p. 191). Por isso acreditamos que a sociedade denomina profissões de homens e de mulheres.

Em uma pesquisa realizada por Baumgärtner e Duarte (2020), com o propósito de realizar uma adaptação e um acolhimento com mais afetividade e sensibilidade na educação infantil, o homem professor de Educação Física propôs participar, no início do ano letivo de 2020, de uma vivência diferenciada. Em vez de adentrar apenas os 45 minutos de uma aula, passar um dia inteiro em todas as turmas. Esse movimento possibilitou afunilar os laços de educação e principalmente do cuidado, pois, participou da higiene das mãos, do corpo, da troca de fraldas, da alimentação, do carinho, do afeto e momentos de conversas com a turma. Outro benefício desta prática foi a dinamização na memorização dos nomes rapidamente e familiarização das individualidades biológicas e atitudinais das crianças. A imagem 1 demonstrará a prática. Ou seja, o professor homem também pode e deve participar destes momentos com as crianças, pois, como dizia Michael Foucault, onde há força há resistência.

Para finalizar, diante desta contextualização sobre as masculinidades, podemos levar como considerações finais: o reforço dos comportamentos ditos cujos “masculinos” para as crianças poderá continuar a reproduzir a sociedade patriarcal, sem conseguirmos os avanços nas relações de gênero em todos os aspectos da sociedade; é preciso compreender que a masculinidade ela não é única e nem imóvel. É preciso respeitar as multifacetadas possibilidades de comportamentos masculinos. Pois, não há masculinidades sem a presença das feminilidades e vice-versa; e é preciso resistir no acesso e permanência de professores homens dentro da Educação Infantil.

Palavras-chave: Masculinidade; Gênero; Educação



BAUMGÄRTNER, Lucas Vitor; DUARTE, Graciela Nunes. Interação do professor de Educação Física no acolhimento da Educação Infantil. In: Anais do ENPEX – Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNIFEPE – Centro Universitário de Brusque (SC). p. 595, 2020.

CARVALHO, Marília Pinto de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. Educação e Pesquisa, São Paulo – SP, v. 29, n. 1, p. 185-193, jan./jun. 2003.

CONNELL, Robert W. Políticas de masculinidades. Educação e Realidade. jul./ dez. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert W. Masculinities and Globalization. Men and Masculinities, v. 1, n. 1, p. 3-23, 1998.

CONNEL, Raewyn. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./ abr. 2013.

GUEDES, Mylena. Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. CNN BRASIL. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge/> Acessado em: 13 mai. 2023.

HARDT, Michel. Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia. São Paulo: ed. 34, 1996.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do estado de Santa Catarina (FAPESC)